

## “A DESPEDIDEIRA”: O LIRISMO E A FLUIDEZ DO SENTIR

MARTINS, Gisele P. (UFU – CNPQ)  
ALAVARCE, Camila (UFU)

*Mas o amor da juventude inebriada, o amor que se esquece do mundo,  
que se derrama e pode derramar tudo que tem de seu,  
prende-se à esfera da existência lírica.* (Staiger, p. 67)

### Resumo

Este trabalho propõe um estudo do conto “A despedideira” do volume *O fio das missangas* (2011) do autor moçambicano Mia Couto. Trata-se de um conto, desenvolvido de maneira bastante lírica, que narra a história de uma mulher, a despedideira, que passa seus dias a reviver o momento em que seu marido foi embora e dela se despediu. A personagem revive esse momento, com ele se funde e se identifica, construindo um lirismo a partir da recordação, nos moldes previstos por Emil Staiger, em seu volume *Conceitos fundamentais da Poética* (1997). Para Staiger, o estilo lírico se identifica com o “recordar. A personagem se constitui como essencialmente lírica, dona de seu sentir e autônoma para construir sua nova identidade a partir de suas recordações. O exercício lírico proposto no conto pode sugerir que fatos cotidianos, pontuais e essencialmente humanos, como a representação do final do relacionamento amoroso, podem suscitar novas possibilidades narrativas e novos olhares. Pode-se pensar, ainda, na oposição entre a identidade lírica e fluida da personagem (e da existência humana) e a rigidez do pensamento do senso comum, aprisionador do sentir, ansioso por ditar o que devemos sentir em cada situação de nossa vida. O conto em estudo, tecido com um projeto literário que privilegia o lirismo, propõe um novo olhar sobre as possibilidades advindas de uma separação conjugal, afinal, como ensina Staiger “Sentimos a paisagem, a noite, a amada, ou mais exatamente sentimo-nos na noite e na amada: Diluímo-nos no que sentimos.” (*op. cit.* p. 63)

### Palavras-chave

Lirismo – Mia Couto – Narrativa – fluidez – Emil Staiger

Emil Staiger, em seu estudo sobre os gêneros literários, explica que é impossível “existir em parte alguma uma obra que seja puramente lírica, épica ou dramática. Nossos estudos, ao contrário, levam-nos à conclusão de que qualquer obra autêntica participa em diferentes graus e modos dos três gêneros literários” (STAIGER, 1997, p. 15). A literatura vem se debruçando sobre as questões dos gêneros literários há muitos anos e nos parece que esse tema é praticamente inesgotável, principalmente quando vemos o surgimento de novos

autores, dando outros contornos a seus projetos literários e fomentando ainda mais essa discussão.

A proposta de gêneros literários feita por Staiger, num primeiro momento, parece bastante tradicional e ligada à Aristóteles, principalmente porque a divisão dos gêneros feitas por Staiger, é fiel ao filósofo grego. Essa impressão rapidamente se dissipa, pois as delimitações dadas por Staiger a esses gêneros são bem mais amplas e conseguem se inserir na contemporaneidade e em projetos literários inusitados, que podem concentrar diferentes gêneros e provocar efeitos bastante autênticos.

Para Staiger, o gênero épico – relacionado ao rememorar, ao registrar, ao apresentar, ao esclarecer, ao mostrar, ao tornar plástico – deve vivificar o acontecimento aos nossos olhos, uma vez que “O longínquo é trazido ao presente, para diante de nossos olhos, logo perante nós, como um mundo outro maravilhoso e maior” (*Op. cit.* p. 79), num processo denominado, pelo autor, de “rememorar épico”. “No épico, representa-se o corpo. Por isso, na realidade épica as coisas se nos apresentam como mundo exterior.” (Idem, p. 58)

Já o gênero lírico é mostrado pelo estudioso como o momento da recordação, como um “remanescente da existência paradisíaca” (Idem, p. 23), utilizando-se de uma linguagem que despreza “as conquistas de um progresso lento em direção à clareza” (Idem, p. 39) e, ainda, “para o poeta lírico não existe uma substância, mas apenas acidentes, nada que perdure, apenas coisas passageiras. Para ele, uma mulher não tem ‘corpo’, nada resistente, nada de contornos” (Idem, p. 45). Para Staiger, o gênero lírico não está relacionado à pintura, mas a visões fugidias que surgem e desaparecem, sem compromissos com o espaço, com o tempo e com a lógica. E, numa das muitas distinções entre o épico e o lírico, Staiger ensina “O autor épico apresenta o mundo exterior, o lírico, seu mundo interior; a criação lírica é íntima.” (Idem, p. 57). E, ainda “... o narrador (épico) torna presente fatos passados. O poeta lírico nem torna presente algo passado, nem também o que acontece agora. Ambos estão igualmente próximos dele; mais próximos que qualquer presente. Ele se dilui aí, quer dizer ele ‘recorda’. ‘Recordar’ deve ser o termo para a falta de distância entre sujeito e objeto, para o *um-no-outro* lírico.” (Idem, p. 59)

Para Staiger, o narrador épico presentifica o passado, enquanto o poeta lírico se dilui no passado e no presente. O épico torna concreto e material o acontecimento relatado e o lírico o converte em abstrato e imaterial, oferece ao acontecimento a fluidez impossível para o épico, que trata de acontecimentos passados bem marcados, bem delimitados, precisos.

Para finalizar, Staiger esclarece que “a existência lírica recorda, a épica torna presente, a dramática projeta” (Idem, p. 171), o “épico traz tudo para diante de nossos olhos, como se estivesse vendo com os seus” (Idem, p. 172) e o recordar lírico “é uma volta ao seio materno, no sentido de que tudo ressurgue naquele estado pretérito do qual emergimos.” (Idem, p. 171)

Como se percebe, para Staiger, o narrador épico configura-se como aquele que vai dar vivacidade a um acontecimento passado, fixo e delimitado que apresenta a fluidez relativa ao próprio andamento dos acontecimentos da vida, que não é estática. A vida flui nas palavras do narrador, embora este esteja narrando um evento pontual; o poeta traz uma recordação com todas as suas imprecisões, sensações e sua fluidez. Tal fluidez mostra-se diversa da fluidez narrativa, já que esta vincula-se ao ciclo cronológico da vida, com suas etapas e aquela vincula-se à fluidez do sentir, do rememorar os acontecimentos cada dia de um jeito, cada dia com um contorno único e impreciso.

A proposta de Staiger vislumbra a possibilidade constante da participação de um gênero no outro. Desta forma, este trabalho propõe um estudo do conto “A despedideira”, do volume *O fio das missangas* (2011), do autor moçambicano Mia Couto, observando como se

dá a construção de uma narrativa a partir de um recordar, com sua fluidez e imprecisão típicas ao lírico, e como torna presente, numa referência ao épico de Staiger, um acontecimento passado. Trata-se de um recordar, impreciso e vago, constituindo-se como um acontecimento presentificado, também marcado pela fluidez paradoxal de uma personagem presa a um evento único em sua vida. O evento a ser presentificado na narrativa é o recordar lírico de um acontecimento. O que aparenta configurar-se como uma maneira bastante autêntica de contaminação entre os gêneros, considerando-se os efeitos que esse projeto literário confere ao texto.

O conto narra a história de uma personagem, a despedideira, que passa os dias a recordar o momento em que o marido parte e dela se despede. Tal evento, fixo, é retratado de forma bastante lírica e configura-se como o recordar lírico de que fala Staiger, de maneira muito vaga e imprecisa, ganhando contornos fugidios e impalpáveis.

Ao referir-se a seu homem, a despedideira não traz nenhum elemento capaz de sugerir uma existência física, não há nenhuma menção ao seu corpo, ou a qualquer outro aspecto concreto; o interessante é que no texto, narrado em primeira pessoa, a personagem despedideira, que também não tem nome, descreve seu homem a partir das sensações e modificações que ele lhe provou. O foco da narrativa é a construção-desconstrução-construção da personagem a partir da influência da chegada e da partida do homem.

Embora a presença/ausência do homem seja determinante para a constituição da personagem, o que se vê é um texto centrado na personagem despedideira e na maneira como esse homem a influencia. Os sentimentos e sensações são da personagem feminina que os modifica conforme a aproximação e o distanciamento do homem/amante. A personagem feminina é a dona de seu sentir.

Tal domínio é percebido logo no início do conto, quando a personagem revela:

Há mulheres que querem que o se seu homem seja o Sol. O meu quero-o nuvem. Há mulheres que falam na voz de seu homem. O meu que seja calado e eu, nele, guarde meus silêncios. Para que ele seja minha voz quando Deus me pedir contas.

No resto, quero que tenha medo e me deixe ser mulher, mesmo que nem sempre sua. Que ele seja homem em breves doses. Que exista em marés, no ciclo as águas e dos ventos. E, vez em quando, seja mulher, tanto quanto eu. As suas mãos as quero firmes quando me despir. Mas ainda mais quero que ele me saiba vestir. Como se eu mesma me vestisse e ele fosse a mão da minha vaidade. (COUTO, 2011, p. 51)

Como se nota, a personagem feminina constrói o homem que lhe satisfaz, numa inusitada maneira de construir-se a si mesma como personagem e de construir o homem com quem divide a narrativa. A proposta constitui-se interessante para se pensar nas proposições de Staiger, as personagens desta narrativa são presentificadas mas são expostas para o leitor de forma muito lírica. Marcando-se a fluidez da existência humana e dos acontecimentos, não a partir da sequência cronológica da narrativa, como ensina Staiger, mas a partir de uma percepção lírica das personagens.

Tais personagens não são invocados de maneira física. Não há nem sequer uma referência ao corpo. Mas é possível perceber, claramente, que se tratam de dois personagens

que se constroem a partir da contraposição e da sobreposição: ao mesmo tempo que a mulher se distancia de seu homem, dele se aproxima.

Interessante notar que a personagem feminina é quem determina as características que esse homem deve ter. Ela o escolhe, não é por ele escolhida. Caracterizando-se como dona de sua história e que permite, ou não, a influência deste homem em sua constituição.

O acontecimento fixo que a despedideira vai narrar é a partida do homem “Há muito tempo, me casei, também eu. Dispensei uma vida com esse alguém. Até que ele foi. Quando me deixou, já não me deixou a mim. Que eu já era outra, habilitada a ser ninguém.” (*Op. cit.*, p. 51) Como se vê, houve em casamento e uma partida. Esses são os acontecimentos demarcados na narrativa e que vão ser vivificados ao leitor.

A personagem que é capaz de escolher seu homem, após ser deixada por ele, habilita-se a ser ninguém. Parece-nos que não há aqui uma oposição, mas, ao contrário, a confirmação de uma personagem que vai extinguindo sua existência corpórea. Se, antes, quando era o princípio, e ela conheceu seu homem, era “dezanovina” (*Idem*, p. 51), aqui vê-se até um marcador de tempo – ser novinha, mocinha – com o passar do tempo, sua existência física vai se tornando menos necessária, desconstruindo-se para que fosse reconstruída outra existência.

O momento mais concreto da narrativa é o primeiro encontro entre a moça “dezanovina” e o homem, como se esse momento fosse o grande marco da existência da personagem feminina:

Lembro desse encontro, dessa primogénita primeira vez. Como se aquele momento fosse, afinal, toda minha vida. Aconteceu aqui, nesse mesmo pátio em que agora o espero. Era uma tarde boa para a gente existir. O mundo cheirava a casa. O ar por ali parava. A brisa sem voar, quase nidificava. Vez e voz, os olhos e os olhares. Ele, em minha frente, todo chegado como se sua única viagem tivesse sido para a minha vida. (*Idem*, p. 52)

Tal passagem apresenta um lirismo impossível de não se percebido. Aqui vemos uma estratégia narrativa muito original porque é perceptível a presentificação do acontecimento passado, mas tal presentificação é construída com poucos elementos concretos, fundamentando essa lembrança de maneira lírica ela caminha para o recordar, fixando-se como lembrança, mas constituindo-se como um recordar. Nesta passagem, é possível perceber claramente a contaminação de gêneros a partir dos propostos por Staiger.

Ainda é possível perceber, na passagem acima, outras informações mais concretas: o encontro aconteceu no pátio, era uma tarde e o ar estava parado. Todo o restante da cena está construído a partir de recordações com todas as imprecisões e sensações que lhe são peculiares.

A partir deste encontro, a personagem prossegue com seu processo de auto extinção, desconstruindo-se como ser dotada de um corpo e construindo-se como um ser puramente lírico, cuja existência é uma essência: a pura fluidez. Sugerindo que seu corpo se extingua, mas seu ser se elevou. Uma bela imagem para reforçar essa interpretação pode ser “As mãos dele: o vento espalhando cinzas. Eu.” (COUTO, 2011, p. 52), ou, ainda, “Que minha alma é feita de água. Não posso me debruçar tanto. Senão me entono e ainda morro vazia, sem gota.” (*Idem*, p. 53)

Após o casamento veio a partida:

Nesse mesmo pátio em que se estreava meu coração tudo iria, afinal, acabar. Porque ele anunciou tudo nesse poente. Que a paixão dele desbrilhara. Sem mais nada, nem outra mulher havendo. Só isso: a murchidão do que, antes, florescia. Eu insisti, louca de tristeza. Não havia mesmo outra mulher? Não havia. O único intruso era o tempo, que nossa rotina deixara crescer e pesar. Ele se chegou e me beijou a testa. Como se faz a um filho, um beijo longe da boca. Meu peito era um rio lavado, escoado no estuário do choro. (Idem, p. 53)

Como já dito anteriormente, outro momento bastante concreto do conto é a partida do homem; temos até alguns detalhes facilmente materializados como o pátio, o beijo na testa oferecido por um homem cujo amor havia se esvaído. Cena típica de separação conjugal, facilmente presentificada pela narradora. Mas esses elementos concretos são rodeados pela abstração, pela tentativa da despedideira em verbalizar seu estado emocional, seu sentimento diante do que lhe acontecia. Mais uma vez, entramos no campo do lírico, no campo do recordar onde as sensações conduzem a cena e seu desfecho.

O inusitado da narrativa é o que a despedideira pede ao marido:

Pedi-lhe que viesse uma vez mais. Para que, de novo, se despeça de mim. E passados os anos, tantos que já nem cabem na lembrança, eu ainda choro como se fosse a primeira despedida. Porque esse adeus, só esse aceno é meu, todo inteiramente meu. Um adeus à medida de meu amor. (Idem, p. 53)

A personagem presentifica uma história de despedida e de recordação trazendo um efeito muito interessante, como se tentasse conter, abarcar, concretizar a recordação de uma despedida. A narradora faz uma apropriação interessante dos conceitos previstos por Staiger e inova seu jeito de narrar. Buscando o limite entre o presentificar narrativo e o diluir lírico.

Assim como a despedideira escolhe que homem lhe serve, ela também escolhe que despedida quer para sua relação. Escolhe o que deseja eternizar de sua relação, neste caso, ela escolhe a despedida e seu constante recordar. Numa situação que pode revelar, ao contrário do que se pensa num primeiro momento, sua independência, sua autonomia de sentir.

Nessa linha de pensamento, a personagem afirma “Já não tenho mais desse amor que a sua própria conclusão. Como quem tem um corpo apenas pela ferida de o perder. Por isso, refaço a despedida. Seja esse o modo de o meu amor se fazer eternamente nosso.” (Idem, p. 54)

A estratégia narrativa utilizada neste conto parece ser a busca pela materialização, a concretização de um sentir - imaginando-se que sentir esteja no nível do lírico, a busca por sua presentificação e vivificação permanecem no campo do narrativo. Narrar uma história sobre o recordar, cujo conflito da personagem é reviver a despedida porque isso lhe confere a dimensão de seu amor e lhe confere autonomia de sentir parece-nos bastante apropriado para propor um questionamento sobre a real liberdade do sentir.

É possível perceber que o acontecimento é fixo, a partida do marido, e marca a existência da despedideira que fica presa àquele momento, mas seu ser se multiplica, flui a partir dos sentimentos que lhe foram despertados pelo casamento e pela partida do marido “Toda a vida acreditei: a amor é os dois se duplicarem em um. Mas hoje sinto: ser um é ainda muito. De mais. Ambiciono, sim, ser o múltiplo de nada. Ninguém no plural. Ninguéns.” (Idem, p. 54)

Tal narrativa sugere que mesmo acontecimentos bem marcados e delimitados em nossa existência podem ser capazes de nos conduzir à fluidez do lembrar lírico. O projeto narrativo desenvolvido por Couto é capaz de nos ofertar a fluidez, a delicadeza e abstração mesmo num gênero literário mais concreto e plástico como o narrativo, o que confirma a liberdade criadora dos escritores, mas também, pode servir para questionar os padrões sociais de comportamento, considerando que, numa sociedade machista como a nossa, ser abandonada pelo marido, impõe um comportamento único à mulher abandonada, comportamento este não reproduzido pela despedideira que consegue ver em seu desvanecer físico a construção de uma existência múltipla e plural, “ninguéns no plural”.

## **Bibliografia**

COUTO, Mia. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.